



O Conceito de Aldeia Global de Mc Luhan Aplicado ao Webjornalismo¹

Juliana Diógenes de Araújo LIMA²
Ismar Capistrano Costa FILHO³
Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

RESUMO

O presente artigo associa o conceito de aldeia global, desenvolvido por Marshall McLuhan, ao de cibercultura, bem como busca sua relação com a mais recente atividade jornalística, o webjornalismo. Promove uma discussão acerca das características do jornalismo adaptado a um novo meio. Busca analisar de que maneira o jornalismo na *web* pode ser definido como decisiva ferramenta para a cada vez mais evidente difusão globalizada da informação, o que retomaria a teoria de McLuhan, a respeito da aldeia global e de suas consequências, e a elevaria ao patamar de análises sócio-culturais num contexto atual. O presente artigo se preocupa em também promover uma reflexão acerca do uso das novas tecnologias, especialmente a internet, e suas implicações socioculturais. Além disso, disserta acerca da credibilidade dos meios de comunicação na internet e expõe a questão da exclusão digital – realidade à qual o Brasil, como país periférico, sofre.

PALAVRAS-CHAVE: aldeia global; webjornalismo; cibercultura.

INTRODUÇÃO

Aclamado por uns, criticado por outros, seja qual for o posicionamento, é impossível não reconhecer a importância do conceito de aldeia global introduzido nas teorias da comunicação por Marshall McLuhan. Em tempos de era digital, esse conceito nunca foi tão atual e, no entanto, dada à distância da época em que surgiu, ele recebe mais um caráter profético do que propriamente contemporâneo.

Segundo esse conceito, McLuhan defende que a partir do advento e do desenvolvimento tecnológico dos novos meios de comunicação (como a TV e o telefone, por exemplo), o mundo se interligaria completamente, havendo, assim, uma

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de graduação 2º semestre do Curso de Jornalismo do ICA – UFC, e-mail: judiogenesufc@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo do ICA – UFC, e-mail: ismarcapistrano@yahoo.com.br



intensa troca cultural entre os diversos povos, aproximando-os como se estivessem numa grande aldeia inteiramente conectada.

Primeiramente, iremos abordar assuntos que tratam da importância da internet para a sociedade do século XXI, das conseqüências positivas e negativas da globalização quando relacionada ao jornalismo e também introduziremos o conceito de aldeia global. Posteriormente, destacamos um tópico para a quebra das barreiras espaço temporais, promovida pela cibercultura - desde a invenção de meios de comunicação como televisão e rádio - e outro tópico destacando a ligação entre cibercultura e a aldeia global. Por fim, antes da conclusão, dedicamos um tópico apenas para analisar a proposta essencial deste artigo, ou seja, a relação entre o conceito de aldeia global e webjornalismo.

A grande questão que este artigo se propõe a debater é: com base no modelo de interação proposto por McLuhan, é possível afirmar que o webjornalismo promove a aldeia global? No mundo extremamente globalizado de hoje, pelo fato da rede conectar pessoas dos mais diferentes e distantes lugares do mundo, oferecer serviços até então só proporcionados por outros meios específicos, além de aumentar sobremaneira a velocidade de transmissão das informações, é possível definir o jornalismo na internet como responsável pela concretização do conceito defendido por McLuhan? Qual o papel do jornalismo na globalização? São questões como essas, intrinsecamente associadas à cibercultura, que pretendemos analisar neste artigo.

1. GLOBALIZAÇÃO, INTERNET E O CONCEITO DE ALDEIA GLOBAL

Para McLuhan, tudo que beneficia o homem e que for criado por ele é uma forma de extensão do seu próprio corpo. Assim, o teórico afirma que o rádio é uma extensão da boca, a televisão, dos olhos e dos ouvidos e o computador, do cérebro. Sendo assim, é como se o homem agisse sobre a natureza criando extensões para o próprio benefício. Na citação “os meios são as mensagens”, McLuhan procura explicar como os meios de comunicação modificam as formas de organização humana. Numa tribo primitiva, por exemplo, as mensagens eram transmitidas de forma oral, enviadas por um líder; com o passar do tempo e a criação da imprensa, passou a existir a possibilidade de leitura individual, da conexão telefônica e da comunicação por meios



audiovisuais, fatores que redefiniram a forma organizacional da sociedade e relativizaram a distância entre pessoas.

Por conta do progresso tecnológico e o conseqüente advento da Internet, ocorreu uma mudança significativa nos meios tradicionais de comunicação (rádio, televisão, jornal e revista), tornando-se necessária uma reformulação de conceitos e formas de produção de notícias adaptadas à modernidade tecnológica do suporte predominante atualmente, a cibercultura. Devido à sua capacidade de transmitir mensagens de forma veloz e por um baixo custo, o jornalismo começou a enxergar uma possibilidade de inovação: escrever sob os moldes da internet, prática conhecida atualmente por webjornalismo.

A internet, sem dúvida, é o fenômeno mais surpreendente do século XX. Suas inovações foram avassaladoras e trouxeram conseqüências irreversíveis para os meios de comunicação e para o desenvolvimento da humanidade. O termo “globalização” foi mais fortemente reconhecido e exemplificado pelo advento da internet e, a partir dele, a intensidade das relações intercontinentais se fortaleceu, tendo em vista, inclusive, as outras tecnologias criadas para suplementar a conexão, como a webcam, a banda larga, o wi-fi etc.

Essa característica globalizante da internet, que evidencia a facilidade de transmissão de informações entre locais distantes - defendida por McLuhan - e em tempo real, foi, pouco a pouco, revelando um novo espaço para as relações sociais e para a troca de informações de cunho jornalístico. Um espaço cada vez maior, regido pelo que há em comum entre pessoas de todas as partes do mundo, a rede, e o que as diferencia, as diversas culturas. No entanto, de início, como materialização do conceito de aldeia global, McLuhan elegeu a televisão, que começava a ser integrado via satélite, um meio de comunicação de massa em âmbito internacional. Esqueceu-se, contudo, de que as formas de comunicação da aldeia são caracterizadas essencialmente por serem bidirecionais, ocorrendo entre dois indivíduos. Somente agora, com o celular e com a internet é que o conceito começa, de fato, a se concretizar. O chamado ciberespaço gera, também, cada vez mais proximidade, uma das conseqüências dessa interação mais ampla, conhecida como cibercultura.

Na televisão e no impresso, a credibilidade depositada na grande mídia é encarada, pela audiência, como sinônimo de garantia de informação verídica e confiável sobre o conteúdo veiculado diariamente. As pessoas assistem aos telejornais e lêem periódicos que lhes são mais convenientes - de acordo com a ideologia predominante da



empresa, a tradição do jornal e com os seus limites de alcance territorial. Em concomitância com o meio televisivo e impresso, o suporte digital renova e amplia a capacidade de transmitir conteúdo ao público.

Sobre o assunto, McLuhan defende, em *Os meios de comunicação como extensão do homem*, que “os donos dos meios sempre se empenham em dar ao público o que o público deseja, porque percebem que a sua força está no meio e não na mensagem ou na linha do jornal”. Para ele, a preocupação com o poder do *meio* é vista com prioridade sobre questões como conteúdo – que ele chama de *mensagem* – e linha editorial. Como admitir essa atribuição de importância maior ao meio do que à própria informação transmitida por ele? É fácil responder a essa questão quando se estabelece a relação direta da força desse meio, visto como uma empresa que, naturalmente, busca lucro, com a audiência contabilizada diariamente por ele – o ibope na televisão, a quantidade de exemplares vendidos para o impresso e o número de acessos diários nos sites de notícias -, assim como a sua credibilidade pública.

Com o advento da internet, a partir do momento que ocorreu a quebra de barreiras espaços-temporais, o webjornalismo transformou o valor do meio de que fala McLuhan. A credibilidade que o público confere aos veículos tradicionais – televisão, jornal, revista e rádio – naturalmente transferiu-se para o suporte online. No entanto, embora o poder de determinados meios permaneça presente no jornalismo na web, ele não se configura da mesma forma.

A internet como meio de veiculação de notícias subverte, em parte, essa lógica de poder dos meios. Contudo, é importante perceber que as mensagens online admitem caráter fortemente diversificado e um conteúdo informativo, garantido pelos hipertextos, cada vez mais difícil de controlar. A luta pelo poder passa a dividir as atenções agora entre o meio que propaga a informação e entre as informações em si, cuja abrangência engrandece e engloba um número gradativamente maior de leitores do mundo todo. A aldeia global de McLuhan se configura como importante efeito da magnitude do meio jornalístico online e do seu poder incomparável de transmitir informações a um público culturalmente variado, poder este que é capaz de ir além dos limites normais de abrangência que compete aos veículos tradicionais de comunicação.

Essa nova forma de comunicação, iniciada casualmente pelo jornal *The New York Times*, tem ganhado cada vez mais espaço em sites de diversos tipos. Baseado em seus próprios moldes e com uma técnica individual, o webjornalismo se destaca por transmitir as notícias com mais velocidade do que os outros meios de comunicação.



Essa característica o coloca sempre em primeiro lugar no quesito “veiculação da notícia”, visto que, como já mencionado, as informações são dispostas em tempo real para o leitor. Tal particularidade mostra uma das grandes diferenças entre esse meio e os outros mais comuns, como rádio, impresso e TV. No caso do rádio e da TV, muitas vezes, a notícia demora a ser viabilizada por conta da necessidade de se respeitar uma programação diária ou o intervalo comercial, já no impresso, a notícia só pode ser viabilizada uma vez, na edição diária, que não está sujeita a retoques.

Além desses fatores, o webjornalismo dá a oportunidade de aproximar o leitor à notícia e a outros leitores. Por meio de emails ou enquetes, é bem mais fácil se manifestar online do que por outros espaços que são sugeridos por revistas, comumente conhecidos por “cartas dos leitores”. Normalmente, quando fazemos algum comentário via internet, a resposta a ele vem de forma bem mais veloz e, inclusive, pode suscitar outros comentários dos demais leitores, provocando uma comunicação que envolve muito mais do que, simplesmente, um emissor e um receptor de forma isolada. Essa forma de “intervenção” crítica à notícia com certeza é um avanço num país como o Brasil, que precisa de uma população mais ativa, intelectualmente falando. Contudo, ainda em relação a essa possibilidade de intervenção, é importante notar que a estratégia da “enquete”, utilizada por muitos sites, pode representar apenas uma fachada, ou seja, uma forma aparente de opinião do leitor, visto que ele não vai poder se expressar integralmente por meio daquele questionário. As imposturas possíveis no âmbito do webjornalismo são muitas e, normalmente, recaem sobre sua credibilidade. Em muitos casos, a notícia publicada rapidamente, dentro dos moldes da web, passou sem o crivo necessário de verdade e acabou sendo veiculada. Essa possibilidade de erro existe dentro de um padrão onde as notícias são publicadas, muitas vezes, com poucos segundos de diferença entre uma e outra.

Apesar de alguns fatores que barram sua eficácia jornalística, os pontos positivos do webjornalismo se sobressaem, principalmente quando relembramos a questão custo-benefício envolvida no processo de obtenção da notícia. Essa condição favorável que permite ao leitor uma maior abrangência de assuntos do seu interesse por um menor custo ainda é um dos pontos mais fortes entre os que apóiam essa nova prática. Assim, é possível ter assuntos do seu interesse de forma bem mais fácil e prática.

Toda essa facilidade na obtenção de informação gera a dúvida já proposta a esse tema: teria futuro o jornalismo impresso? Certamente, essa questão merece ser avaliada com cuidado, com o passar dos anos, visto que ainda existe muita força no jornal



impresso, e pelo fato de o webjornalismo, por mais desenvolvido que esteja, ainda estar formando sua base de sustentação. Além disso, há o fato de que somente a minoria brasileira tem acesso freqüente a computadores com internet, fator que enfraquece essa expansão definitiva do jornalismo pela web.

A partir do reconhecimento de que as Tecnologias da Informação e da Comunicação, particularmente da *World Wide Web*, já são dominantes no Brasil e no mundo, pode-se compreender melhor a teoria do pesquisador de comunicação Marshall McLuhan, que tem como idéia principal do seu estudo o conceito de aldeia global. Além desse conceito, o pesquisador teorizou a respeito dos meios de comunicação como extensões do homem e sobre os meios enquanto mensagens.

2. QUEBRA DE BARREIRAS ESPAÇO TEMPORAIS

David Harvey, autor do livro *Condição pós-moderna*, utiliza o conceito de “compressão do tempo-espaço”. Para ele, essa compressão consiste em compreender os processos que alteram a maneira com a qual os leitores representam o mundo para si mesmos. Em seus estudos, Harvey destaca a questão do capitalismo, as possibilidades de deslocamento e rompimento de barreiras espaciais e a questão do encurtamento de distâncias:

Por vezes, o mundo parece encolher numa “aldeia global” de telecomunicações e numa ‘espaçonave terra’ de interdependências ecológicas e econômicas e, que os horizontes temporais se reduzem a um ponto em que só existe no presente (o mundo do esquizofrênico), temos de aprender a lidar com um avassalador sentido de compressão dos nossos mundos espacial e temporal. (...) A experiência da compressão do tempo-espaço é um desafio, um estímulo, uma tensão, (...) capaz de provocar (...) uma diversidade de reações sociais, culturais e políticas. (Harvey, 1997: 219 – 220).

Harvey discorre sobre os efeitos causados pela quebra de barreiras temporais e espaciais, que geram a sensação de encolhimento em uma aldeia global de telecomunicações. Nas atuais circunstâncias, o contrato temporário inerente a tudo, quando se trata de webjornalismo, torna-se a marca da vida pós-moderna. Como defende McLuhan, a expectativa é de que, com a concretização cada vez mais evidente do conceito de aldeia global aplicado, a circulação de informações, e a capacidade de alcance destas, atinjam patamares de espaço e de tempo ainda não conhecidos pela tecnologia. Para tanto, se os capitalistas se tornarem mais sensíveis às qualidades espacialmente diferenciadas de que é composta a geografia mundial, é possível que as



peças e forças que dominam esses espaços os alterem de maneira a torná-los mais atraentes para o capital altamente móvel e de caráter universal.

As distâncias se encurtam e, por conseguinte, as informações jornalísticas se renovam, com base nessa nova dinâmica de reconstrução espacial da mensagem. O sociólogo britânico Anthony Giddens acredita que a globalização é um fenômeno da comunicação, que, segundo ele, “se intensificou a partir dos anos 60 e 70, quando os primeiros satélites foram lançados, possibilitando a comunicação imediata ao redor do mundo. Desde então muitas coisas mudaram, entre elas a noção de soberania”. Para entrar em detalhes acerca do conceito de globalização, recorreremos, pois, a Giddens - um dos primeiros a formular o conceito de globalização:

o sistema global não é apenas um espaço físico dentro do qual determinadas sociedades evoluem e mudam. Os laços econômicos, sociais e políticos que atravessam as fronteiras entre países condicionam de forma decisiva o destino daqueles que vivem nelas. Globalização é a designação corrente dada a esta crescente interdependência entre sociedades do mundo.

No ritmo empregado pela pós-modernidade, questões geográficas, sociais, tecnológicas, políticas e culturais inevitavelmente se entrelaçam, adquirindo semelhanças tão fortes que servem para respaldar e explicar umas às outras.

3. CIBERCULTURA E ALDEIA GLOBAL

"Os Estados Unidos são hoje uma designação errada. E dado que a soberania plural é - agora que o mundo se tornou uma grande aldeia global, com linhas de telefone estendidas de um extremo ao outro e o transporte aéreo é rápido e seguro -, de qualquer forma, um pouco burlesca, a pluralidade tem implícita em si que pouco poderia ser aproveitado como um bom exemplo para o resto do mundo, pois os Estados Unidos tornaram-se a União Americana."

P. Wyndham Lewis, *America and the Cosmic Mano*.

(Primeira vez em que foi usado o termo “aldeia global”).

Quando se respalda a explicação do Jornalismo Online atrelada ao conceito de “aldeia global”, estabelecido por McLuhan, torna-se imprescindível analisar um fenômeno intitulado cibercultura. Para explicar o significado do termo, recorreremos a André Lemos, autor do artigo *Olhares sobre a cibercultura*. De acordo com Lemos, “a cibercultura representa a cultura contemporânea sendo consequência direta da evolução da cultura técnica moderna”. Com o crescente – e imensurável - progresso das tecnologias digitais, tornou-se condição *sine qua non* identificar de que forma essa modernização vem afetando a sociedade e seus valores culturais. Nesse sentido, o termo



“cibercultura” passou a ser utilizado para simbolizar essa nova cultura contemporânea, fortemente marcada pelas referências tecnológicas digitais. No entanto, vale ressaltar que, apesar de ter surgido com o advento das novas tecnologias, o fenômeno deve ser reconhecido como uma forma sociocultural. Sobre isso, André Lemos defende que “antes de ser uma cultura pilotada pela tecnologia, trata-se (...) de uma relação que se estabelece pela emergência de novas formas sociais que surgiram a partir da década de sessenta (a sociabilidade pós-moderna) e das novas tecnologias digitais”.

Ao analisar o processo de evolução dos meios de comunicação, após o surgimento da internet, em conjunto com a cibercultura, Lemos coloca que “ao atingir a esfera da comunicação, as tecnologias agem, como toda mídia, liberando-nos dos diversos constrangimentos espaços-temporais”. O autor ressalta características do webjornalismo amplamente exaltadas até agora (a velocidade de difusão das notícias e o baixo custo destas), e atribui à tecnologia a vantagem de ter rompido limites do espaço e do tempo – idéia essencialmente ligada ao conceito de aldeia global.

Por outro lado, além dessas vantagens do jornalismo online mais imediatamente identificadas, Pierre Lèvy, filósofo francês (nascido na Tunísia), destaca também que “o crescimento do ciberespaço resulta de um movimento internacional de jovens ávidos para experimentar, coletivamente, formas de comunicação diferentes daquelas que as mídias clássicas nos propõem”. Hoje, a oferta abundante de conhecimento disposta na internet só é possível devido à globalização. Sendo assim, os benefícios tecnológicos, do qual o jornalismo se apropriou e ao qual busca se adequar, proporcionam uma troca globalizada de conhecimentos e, em especial, um intercâmbio cultural de proporções, literalmente, estratosféricas. Cada vez mais, a internet, elo comum que conecta indivíduos de várias nacionalidades, demonstra que está cumprindo com suas funções de valorizar a praticidade e de difundir, sempre, e cada vez mais, um conteúdo informativo e diversificado em seu ciberespaço - ao disponibilizar registros históricos, documentos, livros, músicas e filmes, todos de uma magnitude cultural globalizada. Apresenta-se, portanto, essa relação entre internet, interação globalizada e conhecimento difuso como um conjunto de elementos essenciais para que, atualmente, exemplifiquemos os efeitos da aldeia global de McLuhan.

Quando Lèvy estabelece um paralelo entre a vida online e as relações sociais, apesar de defender as vantagens da internet, não comete o erro de afirmar que a conexão substitui ou substituirá a interação social, o contato entre as pessoas. Pelo contrário. Segundo ele, a Internet possibilita contatos mais freqüentes e produtivos na medida em



que coloca os atores sociais em contato com a informação antes mesmo que isso ocorra em âmbito coletivo. Nesse sentido, a rede de computadores (assim como o correio e o telefone) não é um agente de desumanização ou de isolamento do ser humano.

4. A RELAÇÃO ENTRE O CONCEITO DE ALDEIA GLOBAL E O WEBJORNALISMO: POSSIBILIDADES E LIMITAÇÕES NO CIBERESPAÇO

Tendo como objeto comunicacional e abordativo desse trabalho o webjornalismo, a melhor teoria que faz alusão a esse tema é a de aldeia global, em conjunto com um dos conceitos dela advindos, o de cibercultura. Tendo em vista a constante criação humana, que fez dos meios de comunicação extensões dele próprio, McLuhan conseguia enxergar a transformação que esses meios estavam causando no mundo. A partir daí, trouxe o conceito de aldeia global que seria uma profunda interligação entre todas as regiões do globo a partir da conexão direta entre as pessoas por meios de comunicação diversos. Tal termo pode ter relação também com a teoria do efeito borboleta – ou teoria do caos - em que se acredita que um acontecimento numa determinada parte do mundo pode ter efeitos em escala global. Assim, sob o embasamento de ambas as teorias, pode-se ter uma noção melhor da ligação existente entre o webjornalismo e o conceito de aldeia global.

A interação entre os três focos de estudo – webjornalismo, aldeia global e cibercultura – dá-se por inúmeras formas. Atualmente, com a extensa gama tecnológica existente, as notícias e informações chegam em larga escala por todo o mundo e, o que é mais importante, de forma rápida. Nos jornais online, inclusive, existe um acirramento para ver qual deles irá publicar a notícia de forma mais rápida, antes do concorrente. Tal problema só foi possível pelo advento da rede, que propicia a publicação frenética de textos, a um baixo ou nenhum custo.

Além disso, a troca que McLuhan anteviu não se restringia apenas às informações de interesse público, àquelas que são publicadas pelas agências de notícias, a interação deveria atingir um patamar de divulgação de costumes, tradições, mentalidades, música; enfim, uma quebra real de barreiras políticas, territoriais, religiosas e culturais que à época não era possível e que, hoje, conhecemos como cibercultura. Partindo disso, é possível reconhecer o caráter profético do estudo de McLuhan em relação à aldeia global. Quando essa visão foi delineada pelo teórico, a rede ainda não existia e, ainda assim, ele já se encontrava impressionado com as invenções tecnológicas do seu período.



Apesar desse desconhecimento da internet, McLuhan dizia que o tempo e o espaço perderam seu significado, pois era possível fazer conexões com alguém que estivesse à distância em questão de segundos. Caso o teórico tivesse conhecimento da internet, certamente veria sua teoria se comprovar, pois essa inovação permite que as pessoas comuniquem suas mensagens para o resto do mundo com apenas um clique. Assim, como disse McLuhan, as pessoas podem se comunicar como se estivessem numa aldeia, próximas umas às outras.

Esse transporte do real para a virtualidade chocava inclusive o próprio teórico, que se impressionava ao ver seus filhos interagindo livremente com o rádio, telefone, televisão e com a máquina fotográfica. McLuhan pensava que os professores dessa nova geração seriam pertencentes ao mundo da imprensa – ou Galáxia de Gutemberg, para McLuhan -, contudo, o que vemos atualmente é uma sala de aula que requer, cada vez mais, o auxílio da tecnologia para desempenhar o conhecimento de educadores e alunos. A tendência das salas de aula é, pouco a pouco, irem se tornando cada vez mais tecnológicas, mais computadorizadas, abrindo novas perspectivas para a educação.

O que vemos no webjornalismo é a continuação da teoria de McLuhan. À medida que algum jornal aumenta sua credibilidade ou ganha um patrocínio mais generoso, as pessoas de todos os países tendem a ler somente o que ele diz, dando àquela notícia um alcance global, visto que apenas um único ponto de vista será lido com relevância. Pode-se ter como exemplo os jornais *The Sun* e *The New York Times* que por ser extremamente conhecidos têm suas notícias lidas com o máximo de confiança por parte dos leitores, fator que os dá uma boa credibilidade. Outra característica da aldeia global em que vivemos, constituída num ciberespaço, é a questão da linguagem. Para que as pessoas possam se comunicar entre os meios de comunicação já citados, inclusive pela internet, é necessário que o entendimento entre elas seja completo, sem ruídos. O que proporciona essa maior integração, sem dúvida, é a língua que, atualmente, é tida como base para a maioria das relações intercontinentais: o inglês. Esse fator lingüístico é fundamental para que se concluam por completo os conceitos de aldeia global e de cibercultura na sociedade atual, afinal, para entendermos uns aos outros é fundamental que exista essa língua-padrão. Inclusive, a língua inglesa é a usada em ambos os jornais citados acima e, conforme dito anteriormente, eles têm uma dimensão global. Portanto é indispensável a um jornalista contemporâneo ter o domínio do inglês, visto sua importância no contexto mundial.



A internet é, também, um meio avassalador para as outras fontes de informação. Além de ser extremamente inovadora e de trazer recursos que, por si só, já seriam uma revolução comunicacional, ela pode ocupar o lugar do rádio, da televisão, do cinema, do telefone etc. Hoje em dia, é possível ouvir uma rádio pela internet, assistir um capítulo que já passou da novela e, até mesmo, fazer o download de um filme. Além desses, existe o *Skype*, meio de comunicação altamente difundido atualmente que faz as vezes de um telefone de forma bem mais econômica e ainda com a vantagem visual: é possível enxergar a pessoa com quem falamos, mesmo que ela esteja a quilômetros de distância de nós.

Contudo, por mais que a teoria de McLuhan faça tanto sentido no mundo em que vivemos, é importante fazer ressalvas a ela, principalmente em relação ao conceito de “global”. Quando o teórico afirma que todos os continentes estariam interligados e que a mídia envolve a todos, é inevitável lembrar a situação da sociedade contemporânea, onde muitos são excluídos e não têm a oportunidade de partilhar das vantagens midiáticas. Talvez essa seja a característica que mais distancia o webjornalismo de se tornar uma realidade solitária, desbancando de vez o jornal impresso. Nem todos têm a oportunidade de acessar a um site para escolher a notícia que querem ler, inclusive, são poucos os que optam por ler notícias, levando em consideração a dormência da nossa sociedade no que diz respeito ao hábito da leitura. Em algumas regiões da África, o número de pessoas que têm a possibilidade de acesso à internet é insignificante. Então, dessa forma, é mais difícil compreender o conceito de aldeia global como algo unificador, visto que, na prática, ele pode ser bastante excludente. Na verdade, muitos pesquisadores acreditam que esse conceito é mais utópico do que real.

Com o contínuo desenvolvimento da internet, é cada vez mais visível a ligação entre webjornalismo e aldeia global, traduzindo-se na chamada cibercultura. Pode-se entender o primeiro como sendo uma extensão do segundo, e a cibercultura como consequência de ambos. A tendência de crescimento do jornalismo online segue o ritmo do crescimento da aldeia em que vivemos que se expande cada vez mais, sem fronteiras.

CONCLUSÃO

É preciso observar, portanto, com muita cautela as afirmações demasiado otimistas a respeito da aliança entre os meios de comunicação, em constante progresso tecnológico, e o conceito de Aldeia global - profetizado, por assim dizer, pelo teórico da comunicação McLuhan -, visto que algumas disparidades continuam a existir. Contudo,



não podemos deixar de reconhecer a aproximação que a internet promove entre as diversas regiões do globo, e que uma das formas mais eficazes dessa interação é realizada por meio do webjornalismo.

Este, por sua vez, aparece como resposta aos anseios de uma nova sociedade marcada pela cibercultura, que não se constitui apenas na adoção das novas tecnologias e suas possibilidades práticas, mas em relações diferenciadas a partir dessas possibilidades.

REFERÊNCIAS

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LEMOS, André; Cunha, Paulo (orgs). **Olhares sobre a Cibercultura**. Sulina, Porto Alegre, 2003; pp. 11-23

http://prisma.cetac.up.pt/artigospdf/ciberjornalismo_e_narrativa_hipermedia.pdf

(acessado em 10 de junho de 2009)

HARVEY, David. **A Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Loyola, 1993.

<http://www.knoow.net/cienceconempr/gestao/aldeiaglobal.htm>

(acessado em 10 de junho de 2009)

http://www.webboom.pt/PDF/LECPAIMUN1_02731_PagTip01.PDF

(acessado em 10 de junho de 2009)